

OS USOS DE PERSONAGENS DA LITERATURA CLÁSSICA NA SÉRIE *PENNY DREADFUL*

Aline de Lara Bahr ¹

Edenilson Mikuska ²

Resumo: No presente trabalho analisamos a presença de alguns elementos da Literatura Inglesa Clássica, especificamente do século XIX (a chamada Era Vitoriana), presentes no enredo da série televisiva *Penny Dreadful*, do roteirista John Logan. A série conta com vários personagens de romances clássicos vitorianos coexistindo na Londres da época, bem como refigura ficcionalmente alguns poetas ingleses do período. A partir da comparação entre as obras literárias e a série, examinamos de que forma se dá a apropriação dos personagens da literatura pela série.

Palavras-chave: Penny dreadfull. Literatura Inglesa. Cinema. Séries de televisão.

THE USES OF CLASSIC LITERATURE CHARACTERS IN *PENNY DREADFUL*

Abstract: In this paper we analyze the presence of a collection of elements of the nineteenth-century Classical English Literature (Victorian Age) in the plot of *Penny Dreadful*, a television series by screenwriter John Logan. The show has classic and consecrated characters from this literary phase coexisting with the old city of London. This article carries a brief comparison of some characters of the series with the characters of Literature itself.

Keywords: Penny dreadfull. English literature. Movie. Series.

1 INTRODUÇÃO

A relação entre literatura com cinema, televisão e teatro vem de muito tempo. A literatura sempre serviu como referência para produção dessas artes.

A adaptação de uma obra para um filme/série é bastante comum, e como qualquer outra forma de fazer arte enfrenta suas dificuldades. Em termos técnicos podemos claramente ver a essência da série sendo passada nos mínimos detalhes. Todos os pesados aspectos que o enredo traz ficam claramente marcados na

¹ Graduanda Licenciatura Letras - Habilitação Plena Português/Inglês e suas respectivas Literaturas pela Faculdade Santa Amélia (SECAL). alinedelarabahr@gmail.com

² Graduado em Letras Português/Inglês e suas respectivas Literaturas pela UEPG. Mestre em Linguagem, Identidade e Subjetividade pela UEPG. Doutorando em Literatura Comparada pela UEL. ORIENTADOR. mikuskaep@gmail.com

fotografia da série, o ar soturno, o terror e uma eminente possível catástrofe ou morte. A série em si é composta não apenas pelas cenas apresentadas dentro das três temporadas, os não ditos, ou o que podemos chamar de fora de campo da imagem, são quase tão importantes quanto os ditos, isso se dá pelo enorme número de referências apresentadas na história. Outro elemento que complementa o enredo é a trilha sonora, sempre marcada nos momentos mais densos que passam pelos episódios. Robert Stam diz explicando a importância de todos esses elementos acima citados:

A passagem de um meio unicamente verbal como o romance para um meio multifacetado como o filme, que pode jogar não somente com palavras (escritas e faladas), mas ainda com música, efeitos sonoros e imagens fotográficas animadas, explica a pouca probabilidade de uma fidelidade literal, que eu sugeriria qualificar até mesmo de indesejável.³

Outra questão importantíssima é a relação da adaptação com a fidelidade, que é sempre colocada em discussão, como no caso da série *Penny Dreadful* que não possui um enredo adaptado, porém, faz uso de personagens de obras literárias consagradas. Henri Mitterand, a respeito de adaptações e fidelidade, diz:

Vamos então examinar a palavra a palavra e o conceito de adaptação, em seus diferentes graus de equívocos. *Adaptação* é uma palavra desgastada, tanto na escala das avaliações quanto na dos tipos. Ela é usada toda vez que um filme deve alguma coisa, o que quer que seja – tema, esquema, conteúdo ou estilo – a uma obra anterior, principalmente obra literária [...]. Mas pode acontecer que o filme seja visto sem nenhuma aproximação perceptível com um texto adaptado, a não ser para raros telespectadores.³

O caso citado por Mitterand é o que vemos acontecer na série *Penny Dreadful*, obra em que existe a adaptação, porém, nem sempre ela é semelhante ao texto original, e muitas vezes a semelhança acaba passando despercebida aos olhos do telespectador que não possui um conhecimento a respeito da obra literária inglesa original do século XIX.

³ STAM, Robert. *A Literatura Através do Cinema: Realismo, magia e arte da adaptação*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

⁴ MITERRAND, Henri. *100 filmes da literatura para o cinema*. Tradução de Clóvis Marques. 1. ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2014.

O período do século XIX ficou conhecido como Era Vitoriana na Inglaterra, isso porque foi o período no qual reinou a Rainha Vitória I, entre os anos de 1837 e 1901. Esse período ficou marcado na história inglesa como um dos mais importantes, pois trouxe um grande desenvolvimento econômico e industrial no país e teve marcos notáveis de grandes conquistas coloniais. Foi na Era Vitoriana que a Inglaterra se tornou o país mais rico e poderoso do mundo.

Foi um momento de muita censura quando se tratava das artes, principalmente aos artistas que se opunham ao regime da Rainha Vitória I, mas, mesmo com essa censura são inegáveis as realizações artísticas. São dessa época títulos que hoje fazem parte da Literatura Inglesa Clássica como *Frankenstein* (1818), de Mary Shelley, *Drácula* (1897), de Bram Stoker, *O Retrato de Dorian Gray* (1890), de Oscar Wilde, entre muitas outras obras e escritores.

Essas obras geraram, através dos anos, muitas adaptações, sejam elas teatrais, cinematográficas ou televisivas. Uma dessas adaptações mais recentes foi a série *Penny Dreadful*, exibida pelo canal Showtime, que estreou no ano de 2014. Essa série traz personagens, dessas obras já consagradas, interagindo e coexistindo uma com as outras, na Londres do século XIX.

O objetivo desse trabalho é fazer um breve levantamento de alguns desses elementos e compará-los com as obras originais, definindo as semelhanças e diferenças entre eles, focando em dois personagens em particular: Dr. Victor Frankenstein e sua criatura⁵, bem como a maneira que esses personagens foram apropriados pela série.

2 O ENREDO DE *PENNY DREADFUL* E AS REFERÊNCIAS LITERÁRIAS

Penny Dreadful é uma série televisiva norte-americana criada por John Logan produzido por Sam Mendes, com Eva Green, Timothy Dalton e Josh Hartnett nos papéis principais. John Logan nasceu no dia 24 de setembro de 1961, em San

⁵ Ao contrário do senso comum, a criatura jamais é chamada de Frankenstein. Victor Frankenstein é o nome do médico e cientista que dá vida a três criaturas: primeiro Caliban/John Clare (Caliban é como Victor Frankenstein se refere à criatura; John Clare é como a criatura escolhe se chamar); em seguida, a segunda criatura, que recebe o nome de Protheus; a última é Lily.

Diego, Califórnia, lugar no qual viveu até mudar-se para Chicago para estudar na Universidade de Northwestern, formando-se no ano de 1986. Começou como dramaturgo e fazia algum sucesso em Chicago quando começou a escrever roteiros. Sua primeira peça foi *Never the Sinner*. Em 2000, escreveu o roteiro de *Gladiator*, dirigido por Ridley Scott, recebendo indicações ao Oscar e ao BAFTA na categoria de Melhor Roteiro Original. Em 2004 conseguiu novas indicações por *The Aviator* dirigido por Martin Scorsese e estrelado por Leonardo DiCaprio.

A série é classificada nos gêneros terror e drama, com traços de história policial. Possui, ainda, muitas referências à literatura clássica e é considerada uma das séries mais originais da atualidade, mesmo tendo em seu enredo uma quantidade significativa de literatura inglesa do século XIX⁶. O nome escolhido para a série é, como na grande maioria dos elementos da série, mais uma referência à época na qual ela se passa. “Penny Dreadful” eram livretos com histórias de terror que eram muito comuns no século XIX. O seu significado literal é *penny* – centavo e *dreadful* – terror. O nome é bastante apropriado para a série, que traz histórias conhecidas de terror, humanizando e simplificando suas personagens, mas, sempre deixando o horror em vista. Sobre o clima de terror da série, Logan diz que:

Sempre fui atraído por monstros. Muitas crianças são, sem pensar muito: ‘Eu gosto delas porque elas são assustadoras’, ou ‘eu gosto delas porque elas são excitantes’. Mas, à medida que envelheci, percebi que o que realmente me atraía para eles era o parentesco muito profundo que senti que tinha a ver com crescer como homem gay⁷.

E quando questionado se ele via *Penny Dreadful* como uma reestruturação dos monstros ele afirma:

Isso é verdade não só para os personagens que são mais abertamente sobrenaturais ou monstruosos, como a criatura de Frankenstein ou Dorian Gray, mas para todos os personagens. Dramaticamente, como eles abordam os segredos dentro deles, como eles fazem a paz com eles ou não, define quem eles são, e certamente essa experiência cresceu. Até eu lidar com e aceitar a realidade de quem e o que eu era - o que, mais uma

⁶ A série possui nota de 8,2 pelo site <<http://www.imdb.com/title/tt2628232/>> e pelo site RottenTomatoes a série tem 92% <https://www.rottentomatoes.com/tv/penny_dreadful>

⁷ LOGAN, John. “The things that a made me monstrous to some people i salso the thing that empowered me”: depoimento. 09 de maio de 2014. OUTWARD. Entrevista concedida a Thomas. Tradução minha.

vez, muitas pessoas considerariam monstruoso - eu não poderia ser o artista ou o homem que eu sou.⁸

A série exibida pela Showtime conta com três temporadas, teve sua estreia em 2014 e foi finalizada por escolha do próprio John Logan. Ela adapta quatro livros diferentes e faz constantemente referências a outros elementos e autores da literatura.

A primeira temporada começa com o Sir Malcolm e Vanessa Ives indo a procura de Mina Murray sua filha, e personagem que faz referência a obra *Drácula* de Bran Stoker. Vanessa é a força que move a série, além de lutar por sua melhor amiga ela luta literalmente contra seus próprios demônios.

Vanessa e Sir Malcolm acabam precisando de ajuda nessa busca e recorrem ao Dr. Victor Frankenstein, um jovem que teve suas próprias experiências com o sobrenatural com seus experimentos. A primeira criatura de Frankenstein, assim como na obra de Mary Shelley, possui um coração bom, apesar de toda crueldade que acaba praticando em alguns momentos da série.

As referências literárias são frequentes. Por exemplo, em um determinado momento, a criatura trabalha nos bastidores de um teatro, trazendo pra série uma referência ao *Fantasma da Ópera*. Durante a primeira temporada, a relação do criador, Victor Frankenstein, e da criatura é muito conturbada e a personagem da criatura tem um crescimento significativo dentro do enredo. A presença de Victor dá margem a mais uma referência literária explícita: Van Helsing, personagem do romance *Drácula*, é amigo de Victor. Já em idade avançada, Van Helsing passa a Victor alguns de seus conhecimentos sobre os vampiros e outros seres sobrenaturais. A passagem de Van Helsing é breve, pois ele acaba sendo morto pela criatura, ou Caliban, como ele prefere ser chamado até o momento, numa tentativa de chamar atenção de Victor a realizar o seu pedido de lhe dar uma noiva. O último a juntar-se ao grupo é Ethan Chandler, um pistoleiro americano, que apresenta resistência e só se dá por convencido a fazer parte da busca por Mina, quando vê os seres que vivem na noite.

8 LOGAN, John. "The things that a made me monstrous to some people I salso the thing that empowered me": depoimento. 09 de maio de 2014. OUTWARD. Entrevista concedida a Thomas. Tradução minha.

Além do grupo principal existe uma outra grande referência a literatura, a personagem de Dorian Gray, que esconde o segredo de sua pintura e usa da sedução em vários momentos da série. É através de Dorian, e de um relacionamento rápido com Vanessa, que vemos a protagonista enfrentar seus demônios pela primeira vez na sua intensa luta contra seres que perturbam ela e sua fé.

A série dá espaço a tramas secundárias. Brona, que possuía tuberculose, ganhava dinheiro como acompanhante de homens ricos. Ela tem como cliente Dorian, que entediado da vida e da eternidade na qual vive busca pessoas que possuem pouco tempo de vida para se relacionar – como é o caso de Brona, que enfrenta um estágio avançado da doença. A busca por Mina, apesar de ser a trama principal, fica em segundo plano pela quantidade de referências aos personagens clássicos da literatura e até mesmo pelos motivos que levaram Vanessa e Sir Malcolm se unirem para procurá-la. Ambos se sentem culpados pelas coisas que fizeram a Mina no passado e fazem dessa caçada uma forma de redimirem-se e deixar a culpa no passado.

A primeira temporada possui oito episódios, de aproximadamente cinquenta minutos cada, e além do enredo principal que mostra o empenho para salvar Mina, ela nos traz a realidade e características de uma Londres vitoriana do século XIX.

Após falhar ao salvar sua amiga Mina, Vanessa se vê ameaçada por um novo grupo: um clã de bruxas que adoram e seguem ordens de Lúcifer. Ele quer Vanessa como esposa e usa do poder das bruxas para conseguir isso. Quem comanda esse clã é uma bruxa chamada Madame Kali, que mais tarde descobrimos que chama-se Evelyn Poole.

Além de toda essa perseguição por Vanessa, temos outras histórias que se desenvolvem nessa temporada e personagens que ganham um crescimento. Dorian Gray acaba se envolvendo com Angelique, uma mulher transexual, o que para a época seria um escândalo. Porém, mesmo com a boa construção do relacionamento amoroso entre os dois, o final dessa relação se deu após Angelique descobrir o segredo de Dorian, ao ver o quadro escondido. Dorian mata Angelique com vinho envenenado. Após ela beber o vinho, Dorian ainda questiona se ela poderia amá-lo mesmo sabendo de seu segredo, porém, mesmo respondendo positivamente ela já havia tomado o veneno. Essa passagem na história mostra um Dorian bastante

sombrio, de uma forma que não tinha se mostrado até então, durante o romance podemos até acreditar que veremos um Dorian humano, com sentimentos bons dentro de si, mas o envolvimento com Angelique acaba sendo apenas uma oportunidade para que a personagem de Dorian se mostre como realmente é: uma pessoa mesquinha e que se cansa fácil das pessoas, se achando no direito de descartá-las como e quando bem entender. Entretanto, esse lado de Dorian se mostra passageiro, pois, com o seu envolvimento com uma outra personagem, torna-se fraco e submisso.

Essa personagem é Brona, a prostituta que tem um breve envolvimento com Dorian no começo da primeira temporada e um envolvimento romântico com Ethan Chandler. Sua doença piora, e Ethan acaba chamando Victor Frankenstein para examiná-la.

Victor tem sido constantemente ameaçado por sua criatura (John Clare), que pede uma noiva. Perturbado pelo pedido, Victor chega ao extremo de ver que Brona não possui muito mais que alguns dias de vida, e acaba por matá-la asfixiada com um travesseiro. Ethan fica muito abalado, e Victor se dispõe a dar um fim digno ao corpo de Brona, o que não acontece, pois Frankenstein a usa para seu experimento de dar vida a um corpo morto, nascendo assim Lily.

Lily é uma personagem que mostra um grande crescimento tanto na segunda temporada, em que acaba se envolvendo com Dorian por algum momento, e usa o rapaz para colocar em prática seu plano de empoderamento feminino, quanto na terceira temporada, em que os motivos que a fizeram uma mulher tão amarga são revelados.

Dentro desse arco de Lily aparece como serva leal de Dorian, que se mostra com uma sede bem grande de vingança, muitas vezes maior que a da própria Lily. Temos ainda Justine, uma jovem mulher que acompanha e executa qualquer desejo ou plano de Lily: uma referência à personagem que na obra de Shelley é injustamente acusada por um crime pelo qual a criatura de Frankenstein é culpada.

O aparecimento de Lily, além de mostrar o papel da mulher perante a sociedade, surgiu também para mostrar a decadência da personagem de Victor Frankenstein. Eles têm um rápido envolvimento romântico, logo que Lily volta a vida, e isso transforma Victor em um homem patético e apaixonado que passa o restante da série procurando recuperar a pessoa que ele acreditava que Lily era. Nem John

Clare, personagem a quem Lily estava destinada a ficar, fica tão obcecado na ideia de um romance com ela. Como se vê, a série desenvolve os personagens com muitas liberdades em relação às obras literárias originais, ocorrendo um aprofundamento em suas personalidades.

Podemos ver nessa segunda temporada o crescimento e a humanização de John Clare, a primeira criatura que Victor Frankenstein traz de volta à vida. Deixamos de ver uma criatura cruel e passamos a conviver com uma personagem humana, com sentimentos e uma admiração pela vida e pela literatura que nenhuma outra personagem da série tem. Em um diálogo com Vanessa, minutos antes da criatura se automear John Clare, ele fala sobre a vida e recita um poema chamado *I'm* do poeta inglês escolhido pela criatura para ser chamado⁹. É uma das cenas mais poéticas e literárias de todos os episódios da série e mostra com excelência a essência e a intenção da série.

Os atos brutais do personagem são justificados pelo desejo de se tornar humano e pelo desamparo sofrido por parte do seu criador. Trazendo à tona a dúvida se o monstro na realidade é o criador e não a criatura.

Temos nessa segunda temporada também o desenvolvimento do segredo de Ethan Chandler, o fato dele ser um lobisomem. Ele mantém esse segredo durante toda a segunda temporada e é possível ver a forma que ele lida com isso. Apenas no episódio final o segredo é revelado.

A passagem da segunda para a terceira temporada demonstra bem o drama vivido por Vanessa Ives. Ela se vê sozinha enfrentando uma forte depressão quando Ethan, retorna aos Estados Unidos e Sir Malcolm sai em uma expedição pela África. E Victor Frankenstein se encontra no meio de sua obsessão por Lily.

Ela fica incomunicável trancada em casa e essa situação só muda quando seu amigo, Ferdinand Lyle, um estudioso que ajudou a equipe em alguns eventos das duas temporadas anteriores. Ele leva Vanessa a uma consulta com Dra. Seward e então, aconselhada pela Dra., Vanessa inicia um tratamento psicológico e um processo de autoajuda realizando tarefas que lhe fizessem bem.

No meio desse processo, algumas novas personagens surgem e vemos então a protagonista entrosada com alguém que não fazia parte de seu círculo até então.

⁹ John Clare (1793-1864) foi um poeta romântico inglês.

Essa personagem se apresenta como Dr. Alexander Sweet, um funcionário de um museu. Mostrando um dos únicos momentos de paz na vida de Vanessa.

Esse momento não dura muito, pois, logo no primeiro episódio descobrimos que Vanessa teria um novo oponente, Conde Drácula, vivido pelo mesmo ator que interpreta Dr. Sweet, mostrando que a relação de amizade não era real. Uma das suas cenas mais marcantes aconteceu no quarto episódio da temporada, o episódio mais forte e claustrofóbico de toda a série. Vanessa decide fazer uma sessão de regressão, administrada pela Dra. Seward.

Durante essa regressão, ela retorna à clínica psiquiátrica na qual ela ficou internada durante parte da sua adolescência. Sua única amizade e companhia era o homem que no futuro seria a primeira criatura – antes de sua morte e ressurreição como John Clare, pelas mãos de Victor Frankenstein. Essa relação de amizade foi uma das mais fortes e intensas de todos as personagens da série. O episódio inteiro foca nessa época da vida de Vanessa Ives, e a atriz Eva Green interpreta as cenas mais emocionantes de todo o enredo.

É, também, durante esse momento que vemos a verdadeira intenção de Drácula, que deseja que Vanessa se una a ele como esposa, para que, juntos, eles consigam dominar a Terra. Quem retorna também, é Lúcifer, por mais confusa que seja essa volta e pequena participação. Ele se rende perante a presença de Drácula, o que nos passa a ideia que durante todo o tempo o verdadeiro vilão teria sido ele. É esse, o único momento onde podemos ver a magnitude do poder de Drácula.

Colocando-se mais uma vez como uma das personagens com maior crescimento, temos John Clare, mais uma vez. Durante essa temporada temos o reencontro de John com sua humanidade. Usando de muita poesia e de um momento emocionante, que é o seu reencontro com o filho à beira da morte. Vemos muita doçura e amor nessas cenas e traz a personagem de volta ao foco principal da série como um ser repleto de sentimentos.

Ao contrário do ressurgimento esplêndido da criatura, temos o retorno da decadência do criador. Victor ainda procura, desesperado, uma forma de recuperar Lily, e acaba chegando ao extremo de capturá-la e submetê-la a experiências na tentativa de recuperar os sentimentos dela. Durante esse momento, o passado de Brona/Lily é revelado, e as atitudes frias da personagem justificadas.

Quem ajuda Victor nessas experiências é Dr. Jekyll, personagem que na série interpreta um colega de faculdade de Victor, porém, na literatura é personagem do romance *O Médico e o Monstro* (1885), de Robert Louis Stevenson.

No meio da confusão provocada por Lily, nos deparamos com um Dorian Gray deixado de lado perante o enredo da série. Assim como Victor, o personagem de Dorian encontra-se totalmente domado pelas vontades de Lily, e acaba tornando-se uma versão dele mesmo que vive na esperança de uma reconciliação com ela, pois, para ele, ela é a única que poderia entender sua mente e conviver com ele durante a eternidade.

A série anda de mãos dadas com a Literatura Clássica, e as referências são incontáveis, transformando cada episódio numa aula de literatura inglesa sem fazer com que perca o sentido caso algum telespectador não tenha contato nenhum com a literatura.

Ela nos dá essas referências de forma leve e muitas vezes passam despercebidas, como em um episódio da primeira temporada, em que Victor Frankenstein está tomando um chá, e cita Mary Shelley, autora da obra *Frankenstein*, durante a conversa. Ou quando o personagem John Clare, recita o poema *I'm* do poeta John Clare.

2.1 VICTOR FRANKENSTEIN: DO LIVRO PARA A SÉRIE

Como é possível ver, todo o enredo apresentado durante as três temporadas é sustentado, além do roteiro original, por personagens obras clássicas da Literatura Inglesa do século XIX, poetas e escritores dessa mesma época, ou posteriores a essa data. Dentre vários, dois personagens que tem um destaque grande dentro do enredo são o Dr. Victor Frankenstein e sua criatura.

Estabelecendo uma comparação entre a obra original de Mary Shelley, que foi publicada no ano de 1818, e as duas personagens presentes na série, podemos concluir que o número de diferenças é possivelmente maior que a quantidade de semelhanças, o que não tira o mérito do autor da série a escolher usar de personagens clássicos para compor o enredo da série.

Podemos começar com uma diferença que possivelmente passará despercebida aos olhos de quem não teve um estudo mais aprofundado sobre a literatura. As datas não são compatíveis quando colocadas lado a lado. O enredo da obra de Mary Shelley se passa do ano de 1794, quando a da série se passa em 1891, poderia ser um detalhe facilmente ignorado se não fosse levado em conta que o Victor da obra já era formado anos antes dessa data, e o Victor da série aparenta ter recém-saído da universidade, pela aparência jovem e pouco tempo de profissão que é citado já nos primeiros episódios.

Em relação a aparência física é possível identificar algumas semelhanças como a descrição física de Victor que é muito fiel ao ator Harry Treadaway, um jovem loiro, com fortes olheiras e corpo franzino. O que reforça mais uma vez a incompatibilidade das datas.

Outro elemento da narrativa da obra original que difere do enredo de *Penny Dreadful* é a questão familiar. Dentro da narrativa do romance de Mary Shelley, a família é incontáveis vezes citadas e em vários momentos do enredo tem papel de relevância dentro da história. Como quando a criatura de Frankenstein mata o irmão de Victor na obra, essa cena acontece dentro da série, porém, a personagem que é morta é Protheus, a segunda criatura que Victor da vida na série, porém, a família Frankenstein é omitida, ou sequer existe dentro da série. O único elemento do passado da vida de Victor é representado pela criação de sua primeira criatura.

Uma característica interessante são os nomes das criaturas de Frankenstein: a primeira, antes de mudar seu nome para John Clare, chama-se Caliban e a segunda criatura escolhe o nome de Protheus, ambos nomes de personagens de William Shakespeare, reforçando mais uma vez o casamento da série com a literatura.

Voltando as semelhanças e diferenças, ainda falando de semelhança física, as criaturas possuem as mesmas características, no livro:

Seu cabelo era de um preto lustroso. Os dentes, de um branco quase pérola. Mas essas características apenas formavam um contraste ainda mais pavoroso com a pele amarelada e enrugada como couro, que mal cobria os músculos e as veias debaixo dela. Os olhos aquosos e fundos. Os lábios, retos e negros.¹⁰

¹⁰ SHELLEY. Mary. Frankenstein. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 24.

Todas essas características da criatura de Mary Shelley são bem semelhantes com a caracterização do ator Rory Kinnear na série, o trabalho de caracterização foi claramente inspirado na obra original, porém, o ator possui aproximadamente 1,83 metros de altura, e a criatura na obra original tem uma altura mais elevada que isso. Possivelmente por questão de estética na fotografia da série e até na questão de praticidade na produção, a altura de Caliban na série é a mesma do ator.

Um detalhe em particular é importante no âmbito dos dois enredos, o da obra original e na série, a paixão pela leitura e pela literatura que a criatura de Frankenstein desenvolve. Nas duas histórias, eles utilizam de livros para abater um pouco do abandono por parte de Victor. Na série, quando Victor abandona Caliban, única coisa que deixam pra trás são alguns livros, que ele carrega consigo sempre e o que traz uma grande carga poética e literária para seus diálogos, afinal, ele é uma das personagens responsáveis pelo maior número de referências a literatura que se encontra na série. Já no livro, a criatura vê nos livros uma humanização de si mesmo, uma forma de sentir-se menos monstro e mais criatura. Ele aprende a ler ao mesmo tempo que Safie (personagem da obra literária que é refugiada da Revolução Francesa e tem um romance com Félix que faz parte da família que a criatura) passa um tempo observando e aprendendo sobre o mundo e sobre o ser humano.

Nas primeiras páginas da obra literária, Victor Frankenstein descreve as noites nas quais ele passava no necrotério da universidade estudando:

Decidido a examinar as causas e a evolução da degeneração do corpo, forcei-me a passar dias e noites no necrotério da universidade, praticando autópsias. Minha atenção se fixava nos mínimos detalhes, por mais repulsivos e insuportáveis que pudessem ser para a delicadeza dos sentidos humano.¹¹

Essa mesma descrição pode ser feita da primeira cena de Victor na série Penny Dreadful, quando Sir Malcolm e Vanessa vão atrás dele em busca de respostas do que seria aquela criatura que eles haviam recém-capturado na noite e

¹¹ SHELLEY. Mary. Frankenstein. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 15.

que poderia trazer respostas do paradeiro de Mina, Victor se encontra debruçado sobre um corpo, demonstrando bastante concentração. Porém, não era em um necrotério e sim uma sala nos fundos de um restaurante.

A semelhança mais importante a ser citada é uma semelhança intrínseca: ela parte do crescimento da criatura e do declínio do criador. É um detalhe que pode facilmente passar despercebido, porém, para quem tem o conhecimento acerca da obra original é bastante importante que ela exista.

A história de Victor Frankenstein é mundialmente conhecida, porém, o sentido dado a palavra “monstro” é bastante relativa. Tanto na obra quanto na série *Penny Dreadful* podemos perceber que a ideia de transformar Victor no monstro no lugar de deixar a criatura com esse posto é bastante inteligente. Apesar de todas as atitudes animais do ser criado por Victor, temos a consciência que ele não possui humanidade dentro dele, e quando a conquista, através da literatura, suas atitudes mudam, sua relação com o mundo muda e podemos ver que no fim das contas, Victor, o ser que nasceu com a humanidade dentro de si tem atitudes mais monstruosas que o próprio monstro.

Suas atitudes são frias, calculistas e muitas vezes cruéis. Egoísta, ele abandona sua criatura apenas por não gostar de sua aparência, o deixando sozinho em um mundo no qual ele não conhece. Por muito tempo, Victor assume o papel de vítima de sua própria criação, porém com o passar do enredo fica claro que a situação é oposta ao apresentado por Frankenstein.

Fora isso, temos a discordância do espaço no qual as narrativas se encontram. Enquanto na obra original, a história se passa na Suíça, na série todo enredo é ambientado na capital Inglesa.

São inúmeros elementos a serem listados, não só das personagens de Victor e da criatura, porém, com um conhecimento não muito profundo da literatura inglesa para perceber que John Logan utilizou de personagens de obras consagradas, porém, deu a eles novas vidas e novas características. É possível ver isso nas semelhanças e diferenças acima citadas a respeito de Victor e de Caliban, bem como no arco de Dorian Gray, que possui algumas semelhanças, porém as diferenças são facilmente notadas. Entre outros aspectos, que por mais que díspares de suas obras originais não tiram o encanto e mágica da personagem dentro do enredo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão é possível perceber que mesmo com inúmeras referências à literatura inglesa clássica, John Logan manteve seu roteiro original em todos os elementos da série. Obviamente que esse detalhe não afeta o entendimento do público acerca da história apresentada por Logan. Ela é facilmente entendida por quem sequer tem conhecimento de que alguns daqueles personagens são derivados da literatura inglesa do século XIX, o que pode ser, talvez, um ponto positivo a respeito da causa da série. Ela revive a Literatura Clássica, tornando-a mais acessível aos telespectadores, levando em consideração que, hoje em dia, muitos jovens e adultos são consumidores desse tipo de entretenimento. Assim, o uso desses personagens e desses elementos da literatura acaba tornando-a mais presente na vida de jovens que, possivelmente, não são leitores desse tipo de literatura.

Qualquer forma de aproximação com a literatura é válida. Claro que nenhuma forma de adaptação será perfeita: sempre haverá lacunas – não devemos esquecer que literatura e cinema são dois sistemas distintos de representação. Porém, ver personagens literários de dois séculos atrás serem refigurados em outra linguagem artística – a cinematográfica, no caso, é inegavelmente importante tanto para o desenvolvimento das artes, quanto para a divulgação dessas artes para o grande público.

4 REFERÊNCIAS

CAVALCANTE, Bruno. **Blah Cultural**. Crítica: 'Penny Dreadful' em sua terceira temporada é uma história para poucos, que vai muito além de narrativas tradicionais. 22 de junho de 2016. Disponível em: <<https://www.blahcultural.com/critica-de-serie-penny-dreadful-3a-temporada/>> Acesso em: 29 de agosto de 2017.

FRANÇA, Clarice. **Ideias em Roxo** Penny Dreadful Segunda Temporada – Disponível em: <<https://ideiasemroxo.wordpress.com/2015/07/09/penny-dreadful-segunda-temporada/>> Acesso em 24 de agosto de 2017.

HENRIQUE, Gustavo. **O Vício** -Penny Dreadful e Suas Inspirações Literárias. 21 de julho de 2015. Disponível em: <<http://ovicio.com.br/penny-dreadful-e-suas-inspiracoes-literarias/>> Acesso em 18 de março de 2017.

LEONARDI, Amanda. **Nota Terapia** – A Poesia de Penny Dreadful: Leia os Poemas Citados na Série. Disponível em: <<http://notaterapia.com.br/2016/06/13/poesia-de-penny-dreadful-leia-os-poemas-citados-na-serie/>> Acesso em 20 de julho de 2017.

LITTLETON, Cynthia. **VARIETY**. Q&A: ‘Penny Dreadful,’ Bond Screenwriter John Logan. 13 de maio de 2014. Disponível em: <<http://variety.com/2014/tv/news/1201179762-1201179762/>> Acesso em 25 de agosto de 2017.

LOWRY, Brian. **VARIETY**. TV Review: ‘Penny Dreadful,’ Season 2. 28 de abril de 2015. Disponível em: <<http://variety.com/2015/tv/reviews/penny-dreadful-season-2-review-on-showtime-1201475907/>> Acesso em 26 de agosto de 2017.

MITTERAND, Henri. **100 filmes da literatura para o cinema**/ Henri Mitterand ; tradução Clóvis Marques. – 1 ed. – Rio de Janeiro; BestSeller, 2014;

RYAN, Maureen. **VARIETY**. ‘Penny Dreadful’ Creator Talks Season 3, Vanessa’s Demons and the American West. 04 de maio de 2016. Disponível em: <<http://variety.com/2016/tv/features/penny-dreadful-john-logan-interview-1201766847/>> Acesso em: 28 de agosto de 2017.

RYAN, Maureen. **VARIETY**. ‘Penny Dreadful’ Creator Talks Season 3, Vanessa’s demons and The American West. 04 de maio de 2016. Disponível em: <<http://variety.com/2016/tv/features/penny-dreadful-john-logan-interview-1201766847/>> Acesso em: 29 de agosto de 2017.

_____. **VARIETY**. Creator John Logan and Showtime’s David Nevins on the Decision to End ‘Penny Dreadful’. 20 de junho de 2016. Disponível em: <<http://variety.com/2016/tv/news/penny-dreadful-ending-season-3-series-finale-creator-interview-john-logan-david-nevins-1201798946/>> Acesso em 28 de agosto de 2017.

SHELLEY, Mary, 1797 – 1851. **Frankenstein / uma história de Mary Shelley**; contada por Ruy Castro; ilustrada por Odilon Moraes – São Paulo : Companhia das Letras, 1994;

STAM, Robert. **A Literatura Através do Cinema**: Realismo, magia e arte da adaptação. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

TEIXEIRA, Jeronimo. MARTHE, Marcelo. **VEJA**. Penny Dreadful, a série mais literária da televisão. 27 de julho de 2016. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/tveja/clube-do-livro/penny-dreadful-a-serie-mais-literaria-da-televisao/>> Acesso em: 09 de outubro de 2016.

THIELMAN, Sam. **ADWEEK**. Penny Dreadful Creator John Logan Explains Why He Loves Monsters. 27 de junho de 2014. Disponível em: <<http://www.adweek.com/tv-video/penny-dreadful-creator-john-logan-explains-why-he-loves-monsters-158656/>> Acesso em: 25 de agosto de 2017.

THOMAS, June. **Outward**. “The things that a made me monstrous to some people i salso the thing that empowered me”. 09 de maio de 2014. Disponível em:

<http://www.slate.com/blogs/outward/2014/05/09/penny_dreadful_s_john_logan_why_a_gay_writer_feels_a_kinship_with_frankenstein.html> Acesso em 25 de agosto de 2017.

W, Andressa. **Mundo Freak**. Penny Dreadful: Uma Viagem Sobrenatural pelas ruas de Londres. 01 de junho de 2015. Disponível em: <<http://www.mundofreak.com.br/2015/06/01/penny-dreadful-uma-viagem-sobrenatural-pelas-ruas-de-londres/>> Acesso em 27 de agosto de 2017.

WILDE, Oscar. **O Retrato de Dorian Gray**. Tradução Pietro Nasseti. 3.ed. Editora Martin Claret: São Paulo, 2008;